

O LÉXICO NEOLÓGICO DE CRUZ E SOUSA: UM LEVANTAMENTO PARCELAR

ERIC TEIXEIRA SILVA ¹

EVANDRO SILVA MARTINS²

RESUMO

Resumo: Este artigo objetiva apresentar o resultado final de nossa pesquisa que teve como foco principal o levantamento dos neologismos literários criados por Cruz e Sousa em sua obra “O Livro Derradeiro”. Para tanto, utilizamo-nos do software *folio views*, que sistematiza o levantamento de unidades lexicais, possibilitando a organização de um corpus de pesquisa. Após a consulta a dicionários, foi possível confirmar a hipótese inicial de que haveria um número considerável de construções neológicas na obra literária em análise. Baseando-nos em estudos na área da lexicologia e da lexicografia, e no resultado desta pesquisa, elaboramos um protótipo de glossário. Além do levantamento, nós também analisamos a função dos neologismos nos textos de Cruz e Sousa e nos textos literários, em geral.

Palavras-chave: Lexicologia, Lexicografia, Glossário, Neologismo, Cruz e Sousa.

ABSTRACT

This article aims at presenting the final result of our research that had as its main focus the survey of the literary neologisms created by Cruz and Sousa in his book “O Livro Derradeiro”. In order to get our goal, we used the software *folio views*, because it systematizes the survey of the lexical units, so as to compound the research corpus. After checking at some dictionaries, it was possible to confirm the initial hypotheses that it would have a considerable number of neologisms in the literary book analyzed. Based on lexicological and lexicographical studies and on the result of this study, we elaborated a prototype of glossary. Beyond the survey, we also analyzed the function of the neologisms in Cruz e Sosas’s texts and in the literary texts in general.

Keywords: Lexicology, Lexicography, Glossary, Neologisms, Cruz e Sousa.

¹ Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia e bolsista do PIBIC/CNPq: 2005/2006

² Professor do Instituto de Letras e Linguística e orientador do referido acadêmico.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto visa a relatar as atividades realizadas e os resultados finais obtidos na pesquisa intitulada “O léxico neológico de Cruz e Sousa: um levantamento parcelar”, que objetivou averiguar a existência de neologismos em uma obra poética de Cruz e Souza, a fim de se construir um protótipo de glossário dos mesmos. Neologismo é o nome dado a uma nova palavra que surge no léxico de uma língua.

Fazendo parte do projeto maior “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, que objetiva elaborar glossários e dicionários de neologismos literários, buscando a sua perenização, esta pesquisa, inserida no subprojeto “Para um glossário neológico da obra poética de Cruz e Sousa: o artesão de símbolos”, escolheu Cruz e Sousa visto que este autor muito valorizou e cultivou o trabalho com a língua e a linguagem poética, nas suas diferentes possibilidades, extrapolando os limites da forma e dos sentidos de vocábulos dicionarizados.

Desse modo, pareceu-nos que Cruz e Sousa não menosprezaria o fenômeno da neologia, principalmente por ser ela um dos mais importantes e eficazes recursos para a renovação e

incorporação de inovações lexicais em um texto, principalmente, o do tipo literário.

A escola literária a que Cruz e Sousa se vinculou (e inaugurou, no Brasil) foi o Simbolismo, cujas principais propostas de expressão literária estão vinculadas ao trabalho incessante com a “palavra”, principalmente, por meio da recriação e renovação de sentidos.

Porém, não raro, a palavra dicionarizada, mesmo com alterações semânticas, será incapaz de representar todo o universo de sentimentos, sensações, experimentações e cogitações que vigoram na mente do poeta simbolista, necessitando ele de criar novas palavras e/ou interferir na estrutura das palavras já existentes.

Daí a presença tão marcante de formas neológicas nas obras literárias que o Movimento Simbolista abarcou, tornando-se, assim, necessária a realização de um levantamento do léxico neológico presente na obra de um dos seus maiores representantes, no Brasil: Cruz e Souza.

Dessa forma, conforme os objetivos e propostas arrolados no Projeto de Pesquisa: “Observatório dos neologismos literários do Português do Brasil” e em nosso Plano de Atividades, esta pesquisa realizou um

levantamento parcelar dos neologismos que figuram na obra “O Livro Derradeiro”, de Cruz e Souza.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* de nossa pesquisa foi constituído por textos poéticos que configuram a obra “O Livro Derradeiro” de Cruz e Sousa. Para a extração dos vocábulos presentes na referida obra, utilizamo-nos do software *folio views*, a fim de organizar a base de dados (vocábulos) por ordem alfabética e, após o levantamento dos neologismos, situar a abonação/contexto em que cada forma neológica figurou.

Após a coleta do *corpus*, iniciamos a consulta ao *Dicionário de Língua Portuguesa*, de Antônio Moraes Silva, datado de 1813, e ao *Novo Aurélio do Século XXI*, datado de 1999, que funcionam como dicionários de exclusão, de modo a constatar se os itens lexicais extraídos constavam ou não dos referidos produtos lexicográficos.

A coleta de dados foi feita por meio de textos digitalizados disponíveis no *site* da “Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro”, da Universidade de São Paulo.

2.1 A Lexicografia

Antes de apresentarmos os neologismos encontrados durante a realização de nossa pesquisa, faremos, neste e nos tópicos subsequentes, um pequeno estudo sobre a lexicografia e sobre assuntos relacionados à lexicologia (estudo científico do léxico), cujas informações estão baseadas principalmente nos estudos teóricos de Welker (2005), autor que realizou uma ampla pesquisa bibliográfica e apresentou a síntese da mesma no seu *Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia*.

Segundo o referido autor, é possível entender o termo *lexicografia* em dois sentidos: lexicografia prática – que é o fazer dicionarístico, propriamente dito, ou seja, a ciência, a técnica e a prática de elaborar dicionários; e a lexicografia teórica, ou metalexigrafia, que abarca o estudo de questões sobre a construção de dicionários, análise crítica ou descritiva da mesma, a pesquisa do uso de dicionários e da história da lexicografia.

2.2 Léxico, lexema e lexia.

A definição de léxico aqui adotada é a de Rey (1997, apud Welker, 2005):

Na prática, o léxico é frequentemente considerado como conjunto de palavras com função não ‘gramatical’, isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos [...] e as chamadas palavras ‘gramaticais’, sendo que a fronteira é muito vaga. (REY, 1997, apud WELKER, 2005, p.15)

Outro termo que é necessário definir é *lexema*. Welker (2005, p. 20) afirma que diversos lexicólogos entendem por lexema uma “palavra ou parte de palavra que tem um significado próprio”, por isso mesmo chamadas de palavras autosemânticas.

Os lexemas se diferem dos *gramemas*, que são as palavras sinsemânticas, ou seja, que não apresentam significação própria, como os artigos. Os gramemas compõem um sistema fechado de elementos, enquanto o sistema de lexemas apresenta um inventário aberto.

Pottier (1974, apud Welker, 2005) utiliza o termo *lexia* para se

referir a: um lexema; um gramema; ou um lexema com um ou mais gramemas, como é o caso das palavras flexionadas: casa e casas, dormir e dormiu, etc.

Welker (2005) esclarece que existem lexias simples (*pedra, pedras, ventilar*); lexias compostas, que compreendem as palavras compostas (por exemplo, *peixe-espada*), e palavras derivadas (por exemplo, *traduzível*); lexias *complexas*, que abarcam as seqüências de palavras em vias de lexicalização, como é o caso de *guerra de nervos*; e lexias textuais, que dizem respeito a lexias complexas que atingiram o *status* de enunciado ou de texto. É o caso dos provérbios.

2.3 Dicionário, vocabulário, glossário e levantamento.

Barbosa (1995, apud Welker, 2005) é a autora que, a nosso ver, melhor distingue dicionário, vocabulário e glossário. Segundo ela, cabe ao *dicionário* reunir o maior número possível dos lexemas de uma língua e defini-los.

O *vocabulário* procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso (político, geográfico, religioso). É o

caso dos vocabulários técnico-científicos e especializados.

O *glossário* objetiva esclarecer o contexto lexical de um único texto/obra manifestado. É comum ser encontrado na parte final de livros.

O que estamos realizando em nossa pesquisa se insere mais apropriadamente na noção de glossário, pois restringimos nosso objeto de estudo a um determinado autor, a um determinado gênero literário e também a uma obra específica.

Contudo, como a nossa intenção é a de apenas listar os neologismos encontrados e, no presente momento, não realizar as suas definições, cremos que devemos falar em *levantamento* – tal como está presente no título de nossa pesquisa – ou em *protótipo de glossário*, ou ainda em *listagem*.

Posteriormente, em outra oportunidade de pesquisa, pretendemos colaborar para a realização de um glossário do léxico neológico de Cruz e Sousa, apresentando as definições de cada neologismo e os seus efeitos de sentido nos textos a que se vinculam.

2.4 O corpus e a obra em análise.

Neste tópico, comentamos mais detalhadamente o procedimento por nós

adotado para realizar o levantamento dos neologismos e apresentamos algumas informações sobre o nosso objeto de análise: a obra *O Livro Derradeiro*, de Cruz e Sousa.

A primeira etapa da pesquisa foi realizar o *download* da obra “O Livro Derradeiro” de Cruz e Sousa, sob a forma do programa de leitura *Adobe Reader* (arquivo de extensão “.pdf”). Posteriormente, o referido arquivo foi inserido em um outro programa gerenciador de informações textuais denominado *Folio Views*. Este *software* constrói *infobases* – base de textos - a partir de textos-fontes (no caso, a referida obra de Cruz e Sousa no formato “.pdf”).

Esse programa possibilita a localização de uma informação na *Infobase* criada, facilitando a consulta aos lexemas e/ou aos afixos desejados. Em nossa pesquisa, realizamos o levantamento em ordem alfabética de todos os lexemas da obra em análise. A fase seguinte foi a consulta a dicionários, visando à constatação das unidades lexicais que apresentam o *status* de neologismo. Foram analisados os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios que figuram nos textos literários.

A obra *O Livro Derradeiro* é composta por cinco partes, cada uma

delas contendo determinado número de poemas. São elas: Cambiantes (11 poemas), Outros Sonetos (132 poemas), Campesianas (10 poemas), Dispersas (86 poemas) e Julieta dos Anjos (10 poemas), compondo um total de 249 textos poéticos.

Note-se que o levantamento e a constatação dos neologismos obedeceram à ordem alfabética da Língua Portuguesa.

2.5. A organização dos neologismos encontrados: macro e microestrutura

Neste tópico apresentamos a forma de organização convencionada para a macroestrutura e a microestrutura da lista (protótipo de glossário) que contém as formas neológicas encontradas.

Por Macroestrutura pode-se entender o conjunto das entradas (ou *lemas*), propriamente ditas ou a forma como o corpo do dicionário (no nosso caso, da listagem) é organizado (Welker, 2005).

Considerando a segunda acepção do termo, informamos que a macroestrutura do levantamento dos neologismos apresenta a seguinte sistematização: Quanto ao arranjo das entradas, elas serão do tipo alfabético-

linear, segundo as distinções apresentadas por Wiegand (1983, apud Welker, 2005). Quanto à entrada ou palavra-entrada, utilizamos a convenção presente nas principais obras lexicográficas brasileiras, como é o caso do Dicionário Aurélio: os verbos na sua forma infinitiva e os substantivos e adjetivos no número singular e no gênero masculino.

Tal convenção é o que se chama de forma gramatical básica das palavras da língua portuguesa.

Béjoint (2000, apud Welker, 2005, p. 91) esclarece que “não há motivo lingüístico para mudar [essas] as regras de lematização”.

Resta ainda ressaltar que cada verbete foi separado do seguinte mediante um espaço do tipo “1,5”. Todas as convenções de espaço e fonte estão aqui descritas com base nas configurações e recursos disponíveis no editor eletrônico de textos *Microsoft Word*, versão 2003.

A microestrutura corresponde ao “conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada” (Rey-Debove, 1971, apud Welker, p. 107). Por verbete entende-se, segundo Barbosa (1996, apud Welker, p. 107), o conjunto de entrada mais enunciado lexicográfico.

Após analisar algumas sugestões de lexicógrafos, Welker (2005, p. 109) reconhece que, a partir do momento em que o lexicógrafo estabelece um tipo de convenção-padrão, é permitido que ele construa qualquer tipo de microestrutura.

Para a cabeça do verbete – que é a palavra-entrada propriamente dita (Welker, 2005, p. 110), e, no nosso caso, a entrada neológica, – convencionamos fonte (letra) número 12 e em negrito.

À frente da entrada, entre parênteses, abreviada, também com fonte 12 e não negritada, informaremos a classificação gramatical, de acordo com as seguintes siglas: v. (verbo); adj. (adjetivo); adv. (advérbio) e s. (substantivo).

Abaixo da entrada, em espaço simples e fonte menor (fonte 11) inserimos a abonação (contexto em que o neologismo se insere), com o vocábulo neológico destacado em itálico. Na linha posterior à abonação, entre parênteses e fonte 11, informamos em qual poema e em qual página da obra em estudo o neologismo figurou.

3 RESULTADOS

Expomos, a seguir, os neologismos encontrados durante a realização da pesquisa.

Dividimos o conjunto de neologismos em duas partes: a primeira é referente aos itens lexicais que são neológicos segundo o referencial do Dicionário Aurélio (Ferreira, 1999) e do Dicionário Moraes Silva (Silva, 1813). Neste grupo estão presentes 23 neologismos.

O segundo bloco diz respeito àqueles itens lexicais considerados neologismos apenas segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de Antônio Moraes Silva (Silva, 1813). Este grupo compreende 50 vocábulos.

3.1 Neologismos autorizados pelo Dicionário de Moraes Silva e pelo Dicionário Aurélio.

Adamastórico (adj.)

“Eu quero em rude verso altivo *adamastórico*, [...] Castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!”
(in Escravocratas, p. 08)

Altanoso (adj.)

“Toda esta pompa e gala principescas / Destas searas, destes *altanosos*”
(in Estas risadas, p. 26)

Árdido (adj.)

“Dá-me *árdidos* corcéis fogosos e
frementes / Para atrelar, jungir ao carro
destes versos.”
(in Desmoronamento, p. 155)

Auriazul (adj.)

“Com as asas *auriazuis*”
(in Sete de Setembro, p. 96)

Auri-sidério (adj.)

“Aves azuis do manto *auri-sidério*...”
(in Soneto, p. 176)

Avérnico (adj.)

“A peregrina carnação das formas [...]
Tinham esse quê de *avérnico* e de morno”.
(in Dormindo, p. 07)

Bajulante (adj.)

“Não temais os insanos, / Insensatos
humanos / *Bajulantes* e maus!”
(in Versos, p. 92)

Brasíleo (adj.)

“Fazes-te esperança da *brasílea* gente!”
(in Soneto, p. 15)

“Eia, que sempre na *brasílea* história”
(in Avante, p. 83)

“O belo vate *brasíleo* / Pendeu a fronte
imortal!”
(in Ao Decênio de Castro Alves, p. 93)

“Eram só cinéreas nuvens / Os *brasíleos*
horizontes!”
(in Entre Luz e Sombra, p. 94)

“Assim, *brasílea* coorte, / Falange excelsa
de obreiros”
(in Entre Luz e Sombra, p.95)

Cantantemente (adv.)

“E como uma nova infância /
Cantantemente irrequieta.”
(in Os Risonhos, p. 79)

Capróide (s.)

“Este *capróide* genuíno, / Verde, verde,
morde, morde, / Fatal.”
(in Besouros, p. 73)

Claridão (s.)

“Sempre embebendo os límpidos olhares /
Na *claridão* dos humildes luares”.
(in Sempre e... sempre, p. 21)

“Fecundos germen racionais produzam /
Nessas cabeças, *claridões* de maios...”
(in Grito de Guerra, p. 106)

Coaxador (adj.)

“Não és o sapo atroz, *coaxador*, visguento”
(in Sapo Humano, p. 148)

Dardânico (adj.)

“É um pensar *flamejador*, dardânico / Uma
explosão de rápidas idéias”.
(in Soneto, p. 17)

Ensanguinado (adj.)

“Aurora acesa em cor de púrpura de cravos
/ Opulentos, febris, *ensanguinados*,
bravos;”
(in Marche aux Flambeaux, p. 165)

Esmagante (adj.)

“Trazes a pata *esmagante*”
(in Sganarelo, p. 153)

“Cuja pata *esmagante* a presa aos antros
leva; / Ó ventrudos judeus, opíparos,
obesos”.
(in Marche aux Flambeaux, p. 167)

Esterlinado (adj.)

“Ó bonzos do deboche e cínicos esgares, /
Que sois o único sol *esterlinado* e louro.”
(in Marche aux Flambeaux, p.167)

Evigorado (adj.)

“Alegre num clarim d’ação vibrante De alacridade moça e *evigorada*”.
(in O Duque, p.142)

Gargalhador (adj.)

“O clown *gargalhador* das charnecas rasteiras, Que ri-se para o sol com riso ironizante.”
(in Sapo humano, p.148)

Hostial (adj.)

“Na candidez *hostial* das formas impecáveis, / Fica parado no ar, levemente suspenso,”
(in Anjo Gabriel, p.160)

Medievaresco (adj.)

“Nas fúrias negras, dantescas, / Torturas *medievaescas*.”
(in Velho vento!, p.165)

Musicalizar (v.)

“O mesmo diapasão *musicaliza* / Os seres de nos dois -- um sol irisa.”
(in Anda-me a alma, p.20)

Pompadouresco (adj.)

“[...]ó flor *pompadouresca*! Que és, para mim, no mundo, a trágica e dantesca Imperatriz da Dor, entre as imperatrizes!”
(in Boca imortal, p.56)

Primoral (adj.)

“Alcovas de damasco e torreões marmóreos, Volutas *primorais* de arquitetura jônia.”
(in Na mazurka, p.15)

3.2 Neologismos autorizados pelo Dicionário de Moraes Silva, porém não autorizados pelo Dicionário Aurélio.

Ao observar os vocábulos a seguir, devemos nos atentar para o fato de que não há como ter certeza do *status* de neologismo dos mesmos, tendo em vista que: (1) O Dicionário de referência é uma obra editada cerca de 80 anos antes da publicação da primeira obra de Cruz e Sousa; (2) Como muitos dos itens lexicais que serão abaixo apresentados já se tornaram institucionalizados pelos usuários da língua, perdeu-se neles o caráter de “originalidade” e “imprevisibilidade” – traços estes que auxiliam não só o lingüista, mas qualquer falante da língua, na constatação da existência de um item neológico; (3) A cronologia da atividade lexicográfica portuguesa e brasileira, como se pode perceber no quadro elaborado por Welker (2005, p.56-61), nos informa que o dicionário de Moraes Silva é a primeira obra monolíngue portuguesa (os dicionários anteriores a ele são do tipo bilíngüe), o que nos impele a considerar a possibilidade de, até à época de escrita de Cruz e Sousa, outros vocábulos já terem sido criados por outros usuários da língua e entrado em processo de

institucionalização; (4) A referida obra de Morais Silva (1813), mesmo estando em sua terceira edição, não deixa de ser apenas um trabalho inicial de uma ainda necessária grande atividade dicionarística da Língua Portuguesa. (5) Por fim, temos que considerar o fato de que o nosso conhecimento sobre a língua e sobre as coisas, e a nossa experiência de mundo, nos fazem refutar a probabilidade de alguns dos vocábulos abaixo serem neologismos. Cremos que um dos fatos que explicam essa espécie de intuição lingüística é a nossa ciência sobre o caráter de “originalidade” e/ou de “desvio”, e sensação de “imprevisibilidade” e/ou de “estranhamento” que o neologismo literário denota em um texto. Parece-nos que esses quatro caracteres (originalidade, desvio, imprevisibilidade e estranhamento) são aspectos que não devemos desconsiderar quando da necessidade de constatação de um neologismo literário.

Enfatizamos isso porque a neologia na literatura, diferentemente da neologia em outros campos, quase sempre é um recurso estilístico e, por isso mesmo, é utilizado como instrumento de originalidade, não raro apresentando construções de lexemas nunca antes imaginados pelo falante comum da língua.

Tendo feito essas ressalvas, reafirmamos a necessidade de considerar os próximos vocábulos apresentados apenas como possíveis e/ou supostos neologismos:

Adamascado (adj.)

“Fantasia, ó fantasia, tropo ardente / Da aurora alegre undiflavando as bandas / Do *adamascado* e rúbido oriente”.
(in Risadas, p. 38)

Aflorar (v.)

“Enquanto o seu olhar de mágico diamante / *Aflora* em plenilúnio através da pupila.”
(in Anjo Gabriel, p. 160)

Aguerrido (adj.)

“Vão desfilando como azuis coortes [...] Os *aguerridos* batalhões das almas.”
(in Grito de Guerra, p. 105)

Aléia (s.)

“E rumorejam no enxame / Pelas flóridas *aléias*/ Onde um prado se derrame”.
(in Abelhas, p. 72)

Alvinitente (adj.)

“E o fresco penteador *alvinitente*”
(in Após o Noivado, p. 06)
“Frio, porém, ó gota *alvinitente*”
(in Frutas de Maio, p. 37)

“Nas longas praias / *Alvinitentes*, mádidas, sem raias.”
(in A Idéia ao Infinito, p. 171)

Amedrontador (adj.)

“Capra figura profunda, / Atroz e *amedrontadora*”.
(in Sganarelo, p. 152)

Apalpar (v.)

“Descortinar os crimes do passado / E
apalpar as gerações dos Gracos”
(in *A Idéia Ao Infinito*, p. 172)

Apostrofar (v.)

“Julgo que tudo me escarnece, apoda, Ri,
me *apostrofa*.”
(in *Escárnio Perfumado*, p. 10)

Arruivado (adj.)

“Rubras como gauleses *arruivados*”
(in *Glórias Antigas*, p. 53)

Arrular (v.)

“A pomba ideal dos Ângelus *arrula*...”
(in *Violinos*, p. 66)

Astral (adj.)

“Nas nevroses *astrais* dos sóis surpreso /
Das trevas deslumbrando o caos escuro.”
(in *O Anjo da Redenção*, p. 65)

Aterrador (adj.)

“Do crime *aterrador*, do tenebroso vício.”
(in *Sapo Humano*, p. 148)

“O dia do remorso, *aterrador*, incerto”.
(in *Marche Aux Flambeaux – III*, p. 169)

Aveludado (adj.)

“E a negra coma *aveludada* e basta”
(in *Dormindo*, p. 07)

Avigorar (v.)

“Cai, gota a gota, o orvalho que *avigora* / A
imaculada e cândida açucena.”
(in *Irradiações*, p.23)

Avigorado (adj.)

“No ar uma harmonia *avigorada* e casta”.
(in *O Botão de Rosa*, p. 108)

Azinhavrado (adj.)

“O vício *azinhavrado* e os cérebros
raquíticos”.
(in *À Revolta*, p. 10)

Baixa (s.)

“Da miséria, do vício, das *baixezas*, / Não
denegriram essas consciências”.
(in *Frêmitos*, p. 124)

Báquico (adj.)

“Da vida aurora rica do seu sangue /
Flameja a carne em *báquicas* vertigens!”
(in *Nos Campos*, p. 69)

“Exerceu sobre tudo o *báquico* domínio, /
Não era raro ver nos gozos do triclinio”
(in *Roma Pagã*, p. 45)

Bipartir (v.)

“Os grillhões *biparti* de atroz moleza!”
(in *Soneto*, p. 14)

Borboletear (v.)

“*Borboleteio*, a rir, por entre os sons e as
flores, Como um pássaro azul de uma
plumagem linda”
(in *Desmonoramento*, p. 155)

Brancura (s.)

“Pela *brancura* de um luar de agosto”
(in *Celeste*, p. 25)

Brumoso (adj.)

“Hinos nevoentos, neblinosos hinos / Das
brumosas igrejas luteranas.”
(in *Soneto*, p. 65)

“Não és inglesa, és *brumosa*.”
(in *Brumosa*, p. 151)

“Nos crepúsculos *brumosos*.”
(in *Mendigos*, p. 158)

Bufante (adj.)

“Que lembras dragões convulsos, *Bufantes*,
aéreos, soltos”

(in *Velho Vento*, p. 164)

Calcáreo (adj.)

“Do orbe imenso nos *calcáreos* ombros, /
Rola um dilúvio, um grande mar de
estrelas”

(in *A Idéia ao Infinito*, p. 171)

Candidez (s.)

“Os céus abertos, claros, luminosos /
Lembram a *candidez* branda das virgens.”

(in *A Borboleta Azul*, p. 69)

“Passam entre as *candidezas* / Das estrelas
fugitivas.”

(in *Os Risonhos*, p. 79)

“Alvos pães de áureos altares, / De mais
candidez que as neves”.

(in *Os Risonhos*, p. 80)

“Os céus abertos, claros, luminosos /
Lembram a *candidez* branda das virgens.”

(in *Naufrágios -V*, p. 134)

“Transfigurado, excelso, agigantado,
imenso, / Na *candidez* hostial das formas
impecáveis”.

(in *Anjo Gabriel*, p. 160)

Carnação (s.)

“A peregrina *carnação* das formas”

(in *Dormindo*, p. 07)

Cascadeado (adj.)

“Entrava a flux -- *cascadeado* -- branco!!... ”

(in *Dormindo*, p. 07)

Celestemente (adv.)

“Cantando *celestemente*”

(in *Mendigos*, p. 157)

“No triunfal esplendor *celestemente* raro.”

(in *Anjo Gabriel*, p. 159)

Cinério (adj.)

“Há um estranho amalgamar de cousas /
Como os segredos funerais das lousas / Ou
o rebrantar de artérias -- / Ou o esgarçar
de brumas, Negras, *cinérias* -- / Ou o
referver de espumas”.

(in *A Idéia ao Infinito*, p. 171)

“Eram só *cinéreas* nuvens / Os brasíleos
horizontes!”

(in *Entre Luz e Sombra*, p. 94)

Clorótico (adj.)

“Pálida, bela, escultural, *clorótica* / Sobre o
divã suavíssimo deitada”.

(in *Dormindo*, p. 07)

Coloração (s.)

“Teus olhos belos por dentro/ De grandes
colorações”

(in *Olhares*, p. 106)

Crepuscular (adj.)

“Até virem caindo os véus *crepusculares*”

(in *Asas Perdidas*, p. 159)

Dadivoso (adj.)

“Sente-se neles noites de castelos Gozadas
em amores *dadivosos*”.

(in *A espada*, p. 142)

“Pão ázimo das Páscoas afetivas, / Simples,
tranqüila, *dadivosa*, franca.”

(in *Vozinha*, p. 60)

Declívio (s.)

“Aos báratros, às brenhas, ao *declívio* /
Deste caminho de ânsias e ataúdes...”

(in *Aleluia!, Aleluia!*, p. 59)

Delubro (adj.)

“Inda não ri esse teu lábio rubro / Hoje --
inda n'alma, nesse azul *delubro* / Não fulge
o brilho que as paixões enastra;”.

(in *Noiva e Triste*, p. 21)

Dulçuroso (adj.)

“Em vão do Cristo aos olhos *dulçurosos* /
Onde há o sol do bem e da verdade”

(in *Alma que chora*, p. 30)

“Tens um olhar cintilante, / Tens uma voz
dulçurosa”
(in Adalziza, p. 107)

“Diziam de entre os primores / De estrofes
mais *dulçurosas*”
(in Rosa, p. 118)

Enflorescido (adj.)

“Vens com uns tons de searas, / De prados
enflorescidos”
(in Lirial, p. 43)

Entrenublado (adj.)

“Deixai que as pobres rimas, uns nada
poeirentos / Eu possa transudar da mente
entrenublada!...”
(in Soneto, p. 14)

Esbeltez (adj.)

“Corpo de eflúvios de rosa Com *esbeltez* de
palmeira.”
(in Papoula, p. 73)

Espelhante (adj.)

“História curta, mas interessante / Duma
espelhante lâmina timbrada.”
(in A Espada, p.144)

Gordalhudo (adj.)

“Animais e truões de catadura suína
Gordalhudos heróis da infâmia e da
maldade,”
(in Marche aux Flambeaux, p.168)

Imperscrutável (adj.)

“Como um arcano / *Imperscrutável*, hórrido,
terrível!...”
(in Julieta dos Santos, p.178)

Madrigalesco (adj.)

“O céu inteiro gorjeia Idílios
madrigalescos.”
(in Os Risonhos, p.79)

Martirizante (adj.)

“Teu coração de espadas lacerado,
Sangrando sangue e fel *martirizante*.”
(in Salve! Rainha!, p.65)

Murmuroso (adj.)

“Mergulhas, como um pássaro rosado, /
Nas cristalinas águas *murmurosas*.”
(in Pássaro marinho, p.54)

“Abrem, cheias de angélicas purezas, / As
cristalinas fontes *murmurosas*”
(in Nos campos, p.69)

“E nas ondas *murmurosas* / Dos peregrinos
adejos”
(in Abelhas, p.72)

Murúrio (adj.)

“Que vagalhões de assombros palpitantes /
Não me viriam perpassar, faiscantes, /
Dentro do ser, nuns doutros *murúrios*.”
(in O sonho do astrólogo, p.36)

Neblinoso (adj.)

“Hinos nevoentos, *neblinosos* hinos Das
brumosas igrejas luteranas.”
(in Soneto, p.66)

Ofuscador (adj.)

“Na *ofuscadora* auréola do proscênio Não
sei se és astro, se és Esfinge ou mito.”
(in A idéia ao infinito, p.172)

Planturoso (adj.)

“Onde a matéria se transforma e urge /
Exuberar na *planturosa* leiva,”
(in Aos mortos, p.26)

Rainúnculo (adj.)

“E quando nos saraus, assim como um
rainúnculo, / O lábio lhe tremia e o olhar,
vivo carbúnculo”.
(in Na mazurka, p.15)

4 DISCUSSÃO

O conjunto de palavras que formam o léxico de uma língua não compreende, sem dúvida, um acervo estanque e limitado. O homem necessitou e continua tendo a necessidade de criar e recriar novas palavras para conceituar tudo o que ele (re)constrói ou (re)descobre no mundo em que vive.

Desse modo, o processo de renovação lexical é um fenômeno não apenas lingüístico, mas sobretudo social e cultural, pois se encontra na dependência da necessidade e vontade do ser humano em ampliar o seu acervo vocabular.

Com raciocínio similar, Biderman (2001) afirma:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. (BIDERMAN, 2001, p. 179)

O léxico é um universo impreciso e indefinido porque não nos é possível prever, com exatidão, o momento em que uma palavra será criada ou entrará em desuso em nossa

língua, nem estabelecer a quantidade de vocábulos que surgem ou são marginalizados a cada momento.

O processo de elaboração de novas palavras a que nos referimos é denominado de *neologia* e o seu produto é nomeado de *neologismo* (Alves, 2004, p. 5)

Importante ressaltar que a criação de neologismos não viola o sistema lingüístico, mas utiliza de suas estruturas em potencial para construir novas palavras. A título de exemplificação, temos que a palavra *pureza* não é estranha a nenhum falante da língua, mas se alguém se deparar com a frase: “Ele é uma pessoa cheia de bondade, seriedade e *puredade*”, sem dúvida o último termo causaria certa estranheza ao leitor/ouvinte, pois, provavelmente, nenhum falante, em nenhum momento de sua vida, ouviu ou leu tal palavra.

Contudo, embora a palavra *puredade* possa contrariar a norma lexical (aquela que abrange as palavras já institucionalizadas e/ou dicionarizadas), visto já existir um vocábulo com o mesmo valor conceptual dicionarizado, ela não viola o sistema lingüístico, pois se utiliza de regras e recursos de formação de palavras permitidos pela língua portuguesa. (Rocha, 1999, p. 40).

Puredade seria um neologismo formado pela união da base ‘puro’ mais o sufixo *-(e)dade*, sufixo este formador de palavras substantivas derivadas de adjetivos (Bechara, 2003, p. 359), da mesma forma que o sufixo *-eza*, em *pureza*. Inseridos na base em análise (Puro), ambas os sufixos denotam a mesma realidade significativa (conceito)

O exemplo que formulamos (*puredade*) dificilmente se tornaria um vocábulo recorrente em nossa língua, visto ser bloqueado pela palavra já dicionarizada *pureza*. Porém, esse suposto neologismo poderia representar forte valor estilístico, poético e/ou enfático, em contextos específicos, principalmente em textos literários, como veremos nos tópicos a seguir.

É preciso ressaltar – e sobre isso comentaremos mais à frente – que nem todos os neologismos encontram unidades léxicas similares em dicionários. Tais unidades neológicas se tornam, a princípio, mais propensas a serem incorporadas pelos falantes da língua e/ou pelo dicionarista.

4.1 O surgimento de um neologismo

Rocha (199, p.79) esclarece que são três os possíveis fatores que

determinam a formação de novas palavras, ou seja, o surgimento de neologismos. O primeiro é a necessidade de se empregar uma palavra de uma determinada classe gramatical em outra. Visando a economia lingüística, ao invés de criar uma nova base lexical, o falante da língua modifica e adapta a base, valendo-se, por exemplo, e principalmente, do concurso de sufixos que atuam como modificadores de classes gramaticais. É o caso, por exemplo, de *adamastórico* (neologismo, como vimos, criado por Cruz e Sousa), em que o sufixo *-ico* forma um novo adjetivo, a partir da palavra substantiva *Adamastor*.

O segundo fator compreende a necessidade que o sujeito-falante sente em avaliar expressivamente alguém ou algo. Atuam nesse processo os sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores. É o que ocorre em “*filhinho*, o jantar já está pronto”. Note-se que o valor expressivo e afetivo deste vocábulo *filhinho* é patente, visto que a terminação sufixal “-inho” não denota, no caso em análise, o significado de alguém de estatura baixa, mas representa uma forma carinhosa de uma mãe chamar o seu filho.

O terceiro e último fator apresentado pelo referido autor está na

necessidade de rotulação, ou seja, no fato de o homem precisar sempre nomear/classificar os objetos que ele (re)cria, as ações que realiza, os lugares que constrói, os acontecimentos que surgem, as suas formas de sentir e perceber o mundo, as pessoas e a si próprio, etc. Exemplos desse tipo de formação são: *malufar*, *doleiro*, *sacoleiro*, *secretária-eletrônica*, *livro-texto*, etc.

Mister se faz acrescentar a esses três fatores propostos por Rocha (1999) a intenção poética de se criar novas palavras. Dedicamos o próximo item deste artigo a esse assunto.

4.2 Neologismos literários

Pode-se afirmar que o léxico de uma língua possui estruturas (sufixos, prefixos, etc.) que se encontram virtualmente em latência no sistema lingüístico, esperando apenas que os seus usuários acionem o mecanismo de formação de novas palavras, ou, segundo Rocha (1999), as RFP's – Regras de Formação de Palavras – no nosso caso, da Língua Portuguesa.

Alguns casos de neologismos, como o que adrede construímos, a título de exemplo, *puredade*, tendem a sofrer restrições na comunicação formal/denotativa/objetiva, pois o seu

conteúdo (significado) já se encontra inserido em uma outra forma (significante): *pureza*, como bem atesta os dicionários de Língua Portuguesa. Utilizando-se de outro exemplo, Rocha (1999) assim explica esse fenômeno:

(?) *Violineiro*, por exemplo, não é um produto real, porque a casa lexical correspondente ao agente relacionado a violino já está ocupada pela formação institucionalizada *violinista* (ROCHA, 1999, p. 136)

A conclusão que o referido autor chega é a de que

[...] a existência de produtos consagrados, que se formaram com base em outras relações paradigmáticas [...] bloqueia o surgimento de produtos da regra em questão. (ROCHA, 1999, p. 136)

No caso de *violineiro*, a regra em questão é a formação de substantivo pelo sufixo “-eiro”, e no nosso caso a regra é a formação de substantivo pela inserção do sufixo “-eza”.

Dessa forma, a palavra *pureza* (já dicionarizada) bloqueia o uso da forma *puredade*, devido, entre outros motivos, o de economia lingüística e o de não necessidade de outra palavra

para significar o mesmo conteúdo lexical.

Porém, a linguagem literária, por sua natureza conotativa/subjetiva, permite ao escritor, mediante o que se chama de *licença poética*, valer-se da construção de formas neológicas potencialmente aptas a serem bloqueadas na linguagem denotativa/objetiva. A utilização do recurso de criação de neologismos contribuirá, assim, especialmente no texto literário poético, para a exposição da imagem poética pretendida, constituindo, por conseqüência, um dos instrumentos de consagração do estilo de um autor.

Daí a necessidade de fazermos uma ressalva na referida afirmação de Rocha (1999) de que palavras como “violineiro” não é uma forma real. Ora, para uma palavra tornar-se real basta que se concretize em um determinado texto, saindo da virtualidade lexical de nossa língua. Como vimos, o texto literário é uma prova de que nem todos os gêneros de textos apresentam bloqueio para a criação de neologismos que se confrontam com formas já dicionarizadas.

De outra maneira, também é possível que o escritor literário construa novas palavras que não encontram restrições paradigmáticas no léxico

português existente. Nesses casos, além da necessidade de expressão literária/poética, também pode haver uma maior ou menor intenção de institucionalização de novos vocábulos.

4.3 Neologismos literários e as formações esporádicas e institucionalizados.

Um neologismo literário pode permanecer como uma formação esporádica, ou pode se tornar uma palavra institucionalizada. Formação esporádica é definida por Bauer (1989, apud Rocha, 1999) como

[...] uma palavra complexa nova, criada pelo falante/escritor, sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata. (BAUER, 1989, p. 45 apud ROCHA, 1999, p. 81)

No caso do neologismo literário, essa *necessidade imediata* seria a do autor em determinado contexto de seu texto poético.

Contudo, uma formação esporádica, seja ela literária ou não, pode se tornar uma palavra institucionalizada. Um item lexical institucionalizado é aquele que se

tornou aceito como *palavra* pelos falantes de uma determinada língua.

São quatro os fatores que Rocha (1999, p. 83) expõe como determinantes para a institucionalização de uma palavra. O primeiro motivo está no *prestígio* do criador do neologismo, de modo que qualquer personalidade de prestígio é alguém em potencial para transformar uma formação esporádica em uma formação institucional.

Em segundo lugar, o autor cita o *poder da mídia*. Sem dúvida, a mídia (de qualquer natureza) se torna um agente que atua na disseminação de determinados vocábulos.

O terceiro motivo está no fato de que algumas construções neológicas são mais chamativas do que outras. É o caso de *fumódromo* em relação a *sala de fumantes* e *carreata* em relação a *desfile de carros*.

O quarto e último motivo citado está nas necessidades várias do homem em nomear e classificar o mundo objetivo e subjetivo, em determinado momento histórico, cultural, social, econômico, político e científico. É o caso de formações como *pára-brisa*, *salário-desemprego*, etc.

Como já dissemos, um neologismo literário pode, da mesma forma que outros tipos de neologismos, ser institucionalizado e dicionarizado,

embora, por se vincular, não raro, a uma manifestação subjetiva, a um rompimento com a norma lexical, e a um valor estilístico dependente do contexto em que figura, ele sofra maiores restrições para o seu processo de inserção em dicionários.

Como vimos, é possível que um neologismo literário seja institucionalizado e, posteriormente, dicionarizado. Na literatura brasileira tivemos vários desses casos, destacando-se os neologismos criados por José de Alencar. O referido autor no Romantismo brasileiro foi criador de inúmeras construções neológicas que hoje pertencem ao léxico português-brasileiro dicionarizado. Em seu livro *Diva* (Alencar, 2002) encontramos, no final do romance, uma parte intitulada *Notas do autor*, em que ele expõe, sucintamente, o motivo que o levou a formar novas palavras, bem como o modo pelo qual operou na construção de algumas delas. O autor cita como criações neológicas suas, dentre outras, as palavras *rutilo*, *aflar* e *rubescência*.

Interessante citar a seguinte afirmação de José de Alencar, no fim do Pós-escrito do seu já citado livro, em que ele apresenta uma fala que comprova a sua notória consciência e propósito na formação de novos neologismos:

Não quero que me sejam elas (as suas inovações lexicais) relevadas a pretexto de erros tipográficos; cometi-as muito **intencionalmente** (grifo nosso). (ALENCAR, 2002, p.134)

4.4 O papel dos neologismos literários.

De modo geral, podemos dizer que os neologismos literários constituem importantes recursos estéticos que os autores utilizam para expressar de forma mais exata e mais fiel o seu universo imaginário. Além disso, as construções neológicas conseguem também auxiliar na consolidação de um estilo particular e peculiar a cada autor.

A respeito deste *estilo*, Sandmann (1992, p. 74) lembra que as restrições de regras de formação de palavras somente são violadas dentro de certas limitações e ressalta que até para contrariar certas regras há também determinadas regras. Daí não serem, em geral, ininteligíveis as construções neológicas. Por mais “estranhas” e inusitadas que elas possam parecer, sua formação não altera o sistema lingüístico, mas sim resulta de combinações de elementos lingüísticos e bases lexicais já existentes.

O referido autor ainda cita o seguinte comentário de Câmara Júnior (1997, apud Sandmann, 1992):

[...] não podemos deixar de reconhecer que palavras produzidas de acordo com modelos improdutivos ou pouco produtivos ou mais à margem da regularidade têm função precipuamente estilística (CAMARA JÚNIOR, 1997, apud SANDMANN, 1992, p. 75)

Um possível exemplo para o exposto acima é o neologismo *brazíleo* – encontrado em nossa pesquisa – pois, para sua formação, Cruz e Sousa utilizou-se de um sufixo (“-eo”) que, atualmente, compõem um modelo de formação pouco produtivo e/ou à margem da regularidade, restringindo-se, em geral, à terminologia científica (Ferreira, 1999).

4.5 Cruz e Sousa e a lapidação da palavra.

Cruz e Souza foi o inaugurador do movimento simbolista no Brasil, ao publicar suas obras *Missal* e *Broquéis*, no ano de 1893. *Missal* é um livro escrito em prosa e *Broquéis* em verso.

Considerado um verdadeiro artesão de símbolos, Cruz e Sousa, de fato, cultivou, dentre os recursos de expressão poética, a neologia. A própria

escola literária por ele seguida (e consagrada, no Brasil) propiciou o desenvolvimento de novas formas lexicais.

Para o poeta simbolista, é necessário construir-se uma nova linguagem que consiga representar e interpretar todo o universo obscuro e escondido do ser humano, do mundo natural e transcendental, sem, contudo, pelo uso desta própria linguagem, deturpar o significado do que o poeta sente, percebe e vislumbra.

Diante dessa tendência na motivação poética simbolista, a criação de neologismos se apresenta como importante recurso quando da transposição de intensas e inefáveis formulações mentais do poeta para o papel. O próprio Cruz e Sousa, no seu poema intitulado *Arte*, admite esse fato:

Busca palavras lípidas e castas,/Novas e raras, de clarões raiosos [...]

Busca também palavras velhas, busca,/ Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário/ E então verás que cada qual corusca/ Com dobrado fulgor extraordinário. (SOUSA, 1993 p. 138)

Desse modo, o simbolista questiona e procura desbravar o universo interior da personalidade e da individualidade, adentrando nos arcanos

mais profundos do ser: uma verdadeira viagem do consciente ao inconsciente humano. O resultado dessa postura é, dentre outros, uma poesia com teor transcendental, espiritual, metafísica e, não raro, religiosa. O poeta simbolista versará, dessa forma, sobre o sofrimento e a angústia do ser humano na busca de sua própria realidade e identidade; o modo de atingir a sublimação do espírito; etc.

Quanto aos aspectos formais, a escola do Simbolismo caracteriza-se dentre outros, pela recorrência de consoantes e vogais em um mesmo verso ou estrofe, metáforas, apelos sensoriais, sinestesia (misturas de sensações e atos de sentir, como *beber o azul do mar*), etc.

Nesse contexto literário, o fenômeno da neologia figura como importantíssimo recurso para decodificar, traduzir e transmitir para o papel o que está ocorrendo no mundo íntimo do autor. Moisés (2004) ressalta que o Simbolismo defendia a necessidade de se criar uma nova linguagem, baseada numa gramática psicológica e num campo lexical equivalente. Nesse sentido, muito foi utilizado o recurso de formação de neologismos e de inesperadas combinações vocabulares.

Desse modo, Cruz e Souza vislumbrou, nas construções de neologismos, a possibilidade de criar palavras que pudessem se apresentar o mais fiel e eficiente possível ao seu fazer poético.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa conseguiu realizar o levantamento dos neologismos na obra *O Livro Derradeiro*, de Cruz e Sousa, auxiliando a consecução do projeto “Observatório dos Neologismos Literários” e, por conseqüência, contribuindo para a sistematização do estudo de itens lexicais novos oriundos da criatividade de nossos autores brasileiros.

Além do levantamento de unidades neológicas, também investigamos e estudamos a definição, o papel e a contribuição dos neologismos para o léxico e a literatura de uma língua.

Em suma, pode-se dizer que se a literatura brasileira sempre se preocupou em explorar os recursos da língua e da linguagem, apresentando em maior ou menor grau uma tentativa de inovar a Língua Portuguesa, os neologismos muito contribuíram (e continuam contribuindo) para a

renovação lexical da língua no Brasil e para a consagração do estilo particular de um autor, como foi o caso de Cruz e Sousa.

Oportunamente, pretendemos continuar esta pesquisa, realizando um trabalho de definição e análise dos neologismos encontrados, visando à construção de um glossário do léxico neológico de Cruz e Sousa.

6 AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – pela oportunidade de realizar este trabalho.

Ao Instituto de Letras e Lingüística pela colaboração, e aos colegas do Curso de Letras pelo apoio, sugestões e paciência em ouvir e ler minhas constatações.

Ao professor Evandro Silva Martins pelas necessárias orientações e ensinamentos acerca de uma área de pesquisa na qual inicio meus primeiros passos.

7 REFERÊNCIAS**BIBLIOGRÁFICAS**

ALENCAR, José de. *Diva*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo - Criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria Lingüística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Realismo e Simbolismo*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. 1 ed. UFMG, Belo Horizonte: UFMG Editora, 1999.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Antônio Moraes. *Diccionario de Língua Portuguesa*. 2ª ed. 1813. In: FREIRE, Laudelino. *Fac-símile da edição de 1813 de Diccionario de Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Oficinas da S.A Litho-Tipografia fluminense, 1922.

SOUSA, Cruz e. *O Livro Derradeiro*. s/ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/ Fundação Banco do Brasil, 1993. Disponível: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> Acesso em: 02. set. 2005.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio do séc. XXI*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999.